

# Habitar poeticamente a terra

## Poetically inhabit the land

Constança Marcondes Cesar<sup>1</sup>

Em textos que vão de 1935 a 1961, o pensador alemão Heidegger fala sobre o homem, o mundo e sobre o significado do habitar a terra<sup>2</sup>.

o ponto de partida dessa meditação, que envolve perspectivas estéticas, ontológicas, antropológicas e éticas, é o famoso verso de Hölderlin, “é poeticamente que o homem habita a terra”<sup>3</sup>. Comentando o verso de Hölderlin, Heidegger define o homem como “aquele que deve mostrar o que é”, patenteando sua pertinência á terra, como “herdeiro e aprendiz de todas as coisas”<sup>4</sup>, dialogando com o mundo, nomeando os deuses, estabelecendo a harmonia entre terra e céu, deuses e mortais, pela linguagem.

Habitamos poeticamente as terras, quando dizemos o significado das coisas, instaurando um mundo.

A fundação do mundo, realidade com significado, é a razão de ser de existência do homem que, desse modo, está “na presença dos deuses e é tocado pela essência próxima das coisas”<sup>5</sup>.

O existir poeticamente não é, contudo, um existir inofensivo, ou um mero dizer caprichoso sobre o real; é despertar perante a realidade plena e também a consciência da indigência de nosso tempo, de nosso mundo, da era da técnica. Tempo de carência, tempo da fuga dos deuses, da angustiada espera dos deuses por vir.

Nosso tempo é um tempo de carência porque abandonou o *ethos* próprio do homem, o espaço aberto onde mora o que lhe é próprio: habitar na proximidade dos deuses. É comentando Heráclito, que Heidegger diz: “a ética pensa a morada do homem”, como “a dimensão onde se essencializa o Deus (o extra-ordinário)”<sup>6</sup>.

---

<sup>1</sup> Professora aposentada da UFS – Mestrado de Direito.

<sup>2</sup> 1935-1962: *A origem da obra de arte*; 1937: *Hölderlin e a essência da poesia*; 1944: *Interpretação sobre a poesia de Hölderlin*; 1947: *Carta sobre Humanismo*; 1950: *O caminho do campo*; “A coisa”; 1951: “Construir, Habitar, Pensar”; 1951: “... O homem habita como poeta...” *in* *Ensaios Conferências*; 1953: *Introdução à Metafísica*; 1954: *Da experiência do pensar*. Veja-se também Bruce V. Foltz, *Habitar a Terra*, Lisboa, Instituto Piaget, 1995.

<sup>3</sup> Heidegger, Hölderlin e a essência da poesia, *in* *Arte y poesia*. México, Breviários do Fondo de Cultura Econômica, 1958, pp. 126-148.

<sup>4</sup> Id., pp. 150-151.

<sup>5</sup> Id., p.139.

<sup>6</sup> Heidegger, *Carta sobre o Humanismo*, RJ, Tempo Brasileiro, 1967, p. 85 e sgs.

O mesmo tema será retomado depois, em 1954, nos *Ensaio e Conferências*, como veremos adiante.

Um texto de 1950, *O caminho do campo*, mostra, através da descrição de um passeio, metaforicamente, a caminhada serena do homem em direção à constituição do mundo, não como mero dado, como mero conjunto de objetos, mas como *significado*, como interpretação dos dados. No caminho do campo, isto é, no caminho em direção ao ser, ao eterno, o homem aprende a “abrir-se à amplidão dos céus, mas também deitar raízes na obscuridade da terra”; a tornar-se “disponível ao apelo do mais alto céu e abrigado pela proteção da terra que oculta e produz”; a amar o espaço livre, e assim descobrir seu próprio centro, um estado de serenidade alegre, de sabedoria afetuosa, que o leva a habitar o mundo, a reencontrar aí o apelo de uma distante origem<sup>7</sup>.

Viver no espaço circundante, na perspectiva do eterno, é a tarefa essencial do homem.

Mas outra vertente do viver no espaço também se enuncia no horizonte do existir. É a vivência do contato com as coisas como *pólemos*, como luta com o imediatamente dado, para nele instaurar um mundo. No *Introdução à Metafísica*<sup>8</sup>, é experimentado o ente na sua estranheza, é na ruptura com a adesão ao mundo dos entes que o homem impõe, instaura, como criador, a abertura reveladora do ente como ente. O modo privilegiado dessa instauração é a obra de arte, através do qual se mostra o ser do ente.

No mundo, o homem constrói, habita, pensa<sup>9</sup>.

Habita, construindo; mas, adverte Heidegger, nem todas as construções são habitações. Uma fábrica não é uma *habitação*, embora *construída*; um alojamento, embora habitado, não é uma habitação, um lugar para permanecer.

Na verdade “ser homem quer dizer: estar na terra como mortal, isto é: habitar”. Habitar significa pois, para Heidegger, o modo pelo qual o homem existe na terra, pela experiência quotidiana. O ser da habitação é o permanecer em paz, preservado, protegido, naquilo que o filósofo chama de quadratura: a totalidade que une terra e céu, deuses e mortais. A terra é a extensão que porta os mortais; o céu é a curvatura na qual resplandecem o sol e as estrelas, as estações do ano, a luz e a noite; os deuses, a divindade enquanto mensagem de presença ou ausência; os mortais são os homens, enquanto têm consciência de sua finitude<sup>10</sup>.

Habitar é estar na quadratura; é salvar a terra, isto é, fazê-la realizar o que lhe é próprio, não assumi-la como senhor ou sujeitá-la. É acolher o céu, esperar os deuses, abrir-se ao sagrado: “na libertação de terra, na acolhida do céu, na espera dos divinos,

---

<sup>7</sup> Id., *O Caminho do Campo*, S.P., Livraria 2 cidades, p. 68 e segs.

<sup>8</sup> Id., op. cit., p. 174 e segs.

<sup>9</sup> Id., *Essais et conférences*, Paris, Gallimard, p. 170 e segs.

<sup>10</sup> Id., *ibid.*, p.212-213.

na conduta dos mortais, a habitação se revela como o acordo quádruplo da Quadratura”<sup>11</sup>. “O ser da Quadratura é jogo do mundo”<sup>12</sup>, constitui o mundo. E os homens, como mortais, são os que primeiro apreendem o mundo como mundo, isto é, têm consciência da Quadratura, *habitam* o mundo<sup>13</sup>.

Cuidar do acordo entre os quatro é a tarefa do homem, é o habitar do homem, enquanto guarda do ser, permanência junto à coisas. A permanência se dá no espaço onde algo foi harmonizado dentro de um limite, onde são admitidos terra e céu, divinos e mortais. Assim, “o espaço não é, para o homem, um face a face”, um mero estar diante das coisas; é um permanecer, “na Quadratura junto das coisas”<sup>14</sup>. E a “relação entre o homem e o espaço não é senão a habitação pensada no seu ser”<sup>15</sup>; é a relação com o lugar, enquanto *admissão e instalação* do equilíbrio entre o homem e os entes, o homem e o sagrado, a fundação de um mundo, a construção de um mundo.

Construir não é meramente a associação técnica da arquitetura e da engenharia, mas edificar lugares, onde o mundo advenha, nas coisas. A crise da habitação atual, diz o pensador, não é apenas a da falta de alojamentos; mas reside no fato de os alojamentos não serem verdadeiros *lugares*, verdadeiros mundos, onde o homem possa permanecer realizando seu destino, o de construir o sentido das coisas.

Um exemplo simples desta construção, constituição de significado das coisas, é dado por Heidegger através da meditação sobre o ser de uma *ponte*. Diz ele: “A ponte é uma coisa de uma espécie *particular*; porque reúne a Quadratura de *tal* modo que lhe concede um *lugar*”<sup>16</sup>, isto é, um ponto de expressão.

A ponte é, antes de mais nada, uma passagem, que une duas margens; ao fazê-lo, “*reúne* em torno do rio a terra como região” (...), “mantém sua corrente voltada para o céu” (...), “concede aos mortais um caminho” (...) e possibilita a estes uma superação “do que neles está submetido ao hábito (...)” para “dar passagem em direção à presença dos divinos” (...), recordada na “figura do santo protetor da ponte (...)”<sup>17</sup>. Realizando a reunião dos quatro – terram céu, deuses e mortais – a ponte é uma coisa, isto é, um lugar, um símbolo do acordo instituidor de um mundo.

Comentando o verso de Hölderlin, “o homem habita [a terra] como poeta”, Heidegger pensa a existência do homem a partir da habitação e o poetar como o “fazer habitar”, “o ‘construir’ por excelência”<sup>18</sup>. Habitar é cuidar, proteger, edificar entendido

---

<sup>11</sup> Id., *ibid.*, p.178.

<sup>12</sup> Id., *ibid.*, p.215.

<sup>13</sup> Id., *ibid.*, p.218.

<sup>14</sup> Id., *ibid.*, p.186.

<sup>15</sup> Id., *ibid.*, p.188.

<sup>16</sup> Id., *ibid.*, p.182.

<sup>17</sup> Id., *ibid.*, p.181.

<sup>18</sup> Id., *ibid.*, p.227.

este último como obra que realiza o homem<sup>19</sup>. Habitar como ponte é instaurar-se entre o céu e a terra, referindo-se à divindade. Diz o filósofo: “O homem enquanto homem está sempre já relacionando algo de celeste e medido com isso”<sup>20</sup>. Assim, ser *poeta* é medir, reconhecer a divindade como *métron* a partir da qual o homem estabelece sua permanência, seu habitar no mundo.

Em si mesmo desconhecido e oculto, o deus se mostra a partir do céu, face visível, imagem a partir do qual o poeta celebra o sagrado. O céu é a medida do habitar, e a poesia funda esse habitar, tornando a “vida do homem” uma “vida habitante”, no dizer do poeta Hölderlin, retomado por Heidegger, quando afirma; “‘Habitar poeticamente’ significa estar na presença dos deuses e ser tocado pela essência próxima das coisas.”<sup>21</sup>. a essência da obra de arte é por à luz a verdade das coisas. E o filósofo exemplifica o desenvolvimento da verdade, referindo-se a um templo grego. O templo, enquanto construção, é um lugar, a partir do qual deus pode estar presente. Acima da mera coisa, do mero estar da pedra que o constitui, da utilidade que expressa, o templo enquanto obra de arte torna patente o seu significado, sua verdade: “O templo (...) abre um mundo”<sup>22</sup>, e o consagra pela sua exposição, ,pois “o mundo não é um mero conjunto de coisas existentes (...) tempouco é (...) um marco imaginado para enquadrar o conjunto do existente (...). Mundo é o sempre inobjetivável e o do que dependemos, enquanto os caminhos do nascimento e da morte (...) nos retêm absortos no ser”<sup>23</sup>.

Instaurar, fundar, construir, oferendar, são a essência da obra de arte, da *poiésis*. Essa é a tarefa do homem: por à luz, na contemplação, patentear a verdade do ser, desocultando um sentido, fazendo da terra um mundo, através da beleza.

Recebido 02/10/2015

Aprovado 15/10/2015

Publicado 04/11/2015

---

<sup>19</sup> Id., *ibid.*, p.229 e segs.

<sup>20</sup> Id., *ibid.*, p.234 e segs.

<sup>21</sup> Id., Hölderlin y la esencia de la poesia, *in* Arte y poesia, México, Fondo de Cultura, 1985, p.139.

<sup>22</sup> Id., El origen de la obra de arte, *op. cit.*, p. 72.

<sup>23</sup> Id., *ibid.*, p. 74-75.